

Os Discursos Biológicos: Estudo de Caso com Matérias da Revista Superinteressante

Thaís Fernandes Pereira

Bacharel em Ciências Sociais, pela Universidade de São Paulo, atualmente é graduanda da licenciatura na mesma instituição.

E-mail: thais.fernandes.pereira@usp.br.



Resumo

Este estudo teve como objetivo analisar criticamente as matérias sobre o tema gênero da revista Superinteressante, desde o seu lançamento até o ano de 2018. Após analisar quantitativamente todas as matérias que possuíam um título que diferencia e opõe os gêneros, foi selecionada a única matéria sobre gênero que teve o assunto como capa da revista, para uma análise qualitativa a partir das potencialidades de alguns

conceitos-chaves dos pressupostos teóricos das teorias de gênero pós-estruturalistas e de estudos de mídia sobre jornalismo científico. Partindo do pressuposto de que há uma articulação do saber/poder intrínseca à construção do discurso a respeito dos gêneros, foi possível desvendar diversos componentes presentes nas matérias da Superinteressante.

Palavras-chave: gênero; discursos biológicos; Revista Superinteressante

1. Introdução

A pesquisa objetivou fazer uma investigação circunscrita, utilizando as potencialidades de alguns conceitos chaves dos pressupostos teóricos das teorias de gênero pós-estruturalistas. O objeto de estudo escolhido foram os artigos sobre gênero da revista Superinteressante, pertencente à Editora Abril.

A Superinteressante se tornou objeto de estudo deste trabalho por se tratar da revista de maior circulação no segmento de notícias jornalísticas sobre ciência da Editora Abril, sempre estando entre as maiores tiragens da editora, levando informação científica com linguagem popular a um público amplo e diversificado enquanto idade, classe social e sexo. Os dados aqui mencionados serão detalhados na segunda seção do artigo, onde falo um pouco do surgimento, números de venda, crise do mercado editorial e a situação da Editora Abril, o público alvo, o projeto inicial e o que mudou.

Na terceira seção do artigo farei uma breve exposição a respeito dos estudos de mídia, mais especificamente jornalismo científico. Na quarta seção falarei sobre os pressupostos teóricos deste trabalho, no que diz respeito a questão de gênero. Falarei brevemente da teoria que sustenta e dá orientação para esse trabalho, qual seja, a crítica presente na teoria de gênero pós-estruturalista, abordando o entendimento dos autores Judith Butler, Thomas Laqueur e Michel Foucault sobre o tema da sexualidade.

A quinta seção foi destinada a uma análise quantitativa. Foram selecionadas todas as matérias da revista cujo título apontasse clara oposição entre os gêneros, masculino e feminino, diferenciando-os. O recorte da pesquisa circunscreve os últimos 31 anos da revista (1987-2018). Essa mostra possibilitou fazer algumas descrições, como por exemplo, identificar a quantidade de matérias que apontam clara oposição entre os gêneros por década, as seções nas quais o tema foi alocado; a quantidade encontrada por seção e a quantidade de matérias de cada seção por década tentando entender se a forma de abordagem mudou com o passar

do tempo. Entende-se por seção o assunto no qual a matéria é alocada dentro da revista, sendo que as seções são sempre as mesmas por edição.

Na sexta e última parte, antes das considerações finais, faço uma análise da única matéria sobre o tema gênero que se tornou capa da Superinteressante dentro do período pesquisado, intitulada, "Homem x Mulheres - Porque Eles Estão Ficando Para Trás?". Pretende-se com essa análise, observar de que forma a revista aborda o tema.

De modo geral, este estudo objetiva colocar em pauta a articulação do saber/poder na construção discursiva dos gêneros. Analisando e expondo quantitativa e qualitativamente, os discursos presentes no jornalismo científico proposto pela Superinteressante. Tentaremos estudar os mecanismos através dos quais a revista constrói o seu discurso, e de que modo o legitima, tornando-o consistente e aceitável.

2. A Revista Superinteressante

Inspirada em uma revista espanhola chamada Muy Interessante, a Superinteressante surgiu em setembro de 1987, ficando atrás apenas da Veja (261.120 assinaturas impressa e 311.823 digital) e da Claudia (126.667 assinaturas impressa e 133.904 digital). A versão impressa é vendida em bancas de jornal ou por meio de assinatura, tem periodicidade mensal e seu preço informado pelo site da Editora Abril é de R\$ 18,00 (PUBLIABRIL, 2019).

A Editora Abril é uma editora brasileira fundada em 1950 com sede em São Paulo, é parte integrante do Grupo Abril (conglomerado de mídia brasileiro). Nos anos 80, a editora investiu em publicações voltadas para ciência e tecnologia, lançando a Ciência Ilustrada em 1981, o Guia do Estudante em 1983 e a Info em 1987, mesmo ano de surgimento da Superinteressante. Nos anos 2000 a partir de edições especiais, se desdobrou em outras quatro revistas: Mundo Estranho (2001), Aventuras na História (2003); Revista das Religiões (2003) e Vida Simples (2003).

Em meados de 2018, a revista anunciou uma reformulação do seu portfólio como parte de um processo de reestruturação da companhia,

dada à situação de crise financeira.² O motivo foi o impacto das transformações tecnológicas sentida por todo o setor de mídia que diminuiu drasticamente o volume de vendas de revistas impressas. Em nota enviada ao site do Jornal do Comércio, no dia 06 de agosto de 2018, a editora comunicou que iria concentrar seus recursos humanos e técnicos em suas marcas líderes, são elas: Veja, Veja São Paulo, Exame, Quatro Rodas, Claudia, Saúde, Superinteressante, Viagem e Turismo, Você S/A, Você RH, Guia do Estudante, Capricho, Mdemulher, VIP e Placar.³

Sobre a revista impressa, é possível acessar os dados a respeito do público alcançado, referentes a 2016, informado no site da editora Abril, como sexo, idade e classe social. A revista é distribuída em nove Estados brasileiros, sendo eles: Belo Horizonte, Brasília, Curitiba, Fortaleza, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo. De um total de 3.094.000 leitores distribuídos por esses Estados, 57% são mulheres e 43% são homens. Sendo 28% com idade entre 20 e 29 anos, 24% entre 30 a 39 anos, 17,4% entre 40 a 49 anos, 18% com mais de 50 anos, 10,5% entre 15 a 19 anos, e o menor público, 1,4%, é o de 10 a 14 anos. Pode-se depreender desses dados que o maior público, 52%, tem idade entre 20 e 39 anos. Sobre a classe social, os dados nos mostram que 56,1% dos leitores pertencem à classe B, 21,8% a classe C; 18,8% a classe A, e o menor público, 3,3%, são da classe D ou E. Com isso, podemos concluir que o grande público da revista, 77,9%, é a classe B e C (PUBLIABRIL, 2016).

Carvalho (1996) fez um estudo detalhado sobre a Superinteressante, tendo acesso ao documento que apresentava o projeto inicial da revista, e suas justificativas para o lançamento do produto. Dentre elas estava o interesse de levar cultura geral, de forma agradável e não superficial. Carvalho afirma (2012) que o documento,

² Disponível em:

<<https://www.valor.com.br/empresas/5715465/editora-abril-fecha-titulos-e-faz-demissoes>>

³ Disponível em:

<<https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/sociedade/noticia/2018/08/06/editora-abril-anuncia-o-fim-de-dez-revistas-saiba-quais-349838.php>>

deixava clara a preferência por ciências, já que se pensava em ter ao menos quatro matérias sobre descobertas ou temas científicos. Para os outros eixos, havia a perspectiva de uma a duas matérias por edição. (CARVALHO, 2012, p.04)

Carvalho (2012) analisa as capas da revista para a sua dissertação de mestrado no período entre 1987-1994 e, depois, refaz a pesquisa para o período 2010/2011. Comparando-os chega a algumas conclusões interessantes. Ela percebe que,

Antes, a revista evidenciava assuntos ligados mais objetivamente às ciências, hoje procura atrair os leitores pelos “problemas comportamentais”, que podem ser resolvidos (ou não) e discutidos com base em estudos que vão da psicologia às neurociências. (CARVALHO, 2012, p.12)

A autora complementa afirmando que sua pesquisa das capas confirma sua hipótese segundo a qual a revista estaria paulatinamente diluindo o conteúdo de divulgação científica em face das variedades e atualidades. Se o destaque antes era para saúde, história e astronomia, agora as chamadas que mais incidem nas capas são tecnologia, entretenimento, saúde e comportamento/psicologia.

Este estudo pretende como já citado na introdução, analisar apenas as matérias cujo título opõe os gêneros, entretanto, será possível também perceber em qual assunto o tema é mais frequentemente alocado na revista, comparativamente a cada década, podendo dessa forma enxergar as mudanças ao longo do tempo, e constatar se as conclusões que Carvalho (2012) chegou sobre o período de 2011 se confirmam também para o recorte específico deste trabalho.

3. Pressupostos Teóricos sobre Gênero

Antes de começar a investigação do objeto de estudo, é pertinente traçar quais teorias darão sustentação e orientação a esse trabalho. Para falar sobre gênero enquanto categoria de análise é necessário uma teoria capaz de dar suporte a este conceito, e no presente trabalho os pressupostos teóricos advém do pós-estruturalismo, pois, “nos permite

questionar as categorias unitárias e universais e tornar históricos conceitos que são normalmente tratados como naturais, como, por exemplo, 'homem' e 'mulher'." (MARIANO, 2005, p.486)

Um ponto de partida para o pós-estruturalismo é a crítica ao universalismo, essencialismo e racionalidade iluminista, reconhecendo o sujeito como intrinsecamente relacionado ao contexto social que por sua vez está marcado pelas relações de poder.

A noção de sujeito social universal, livre autônomo e racional, sempre esteve presente no pensamento liberal e foi basilar durante muito tempo nos estudos sociais. Essa unidade ou homogeneidade foi fonte de análise por parte da crítica marxista através da criação de novas categorias que definiam o sujeito no tempo e no espaço, apontando assim o interesse de classe por trás da forma liberal de entendimento do mundo. As pensadoras feministas que partem da teoria marxista acrescentaram a ideia de que esse sujeito do liberalismo é também masculino, aprofundando ainda mais a especificidade da teoria que se pretendia universal.

Simone de Beauvoir, em seu livro *O Segundo Sexo* foi uma das primeiras a denunciar a unidade da categoria sujeito. Para ela, as categorias neutras são sempre dirigidas para identificar o homem enquanto a totalidade. A mulher, por sua vez, é sempre reduzida e marcada por suas diferenças, aprisionada em sua especificidade. (BEAUVOIR, 2000)

Beauvoir, no entanto, ao construir o sujeito mulher, além de produzir uma categoria também universal, e por isso, humanista, torna o biológico fundamento da identidade de gênero e causa da opressão feminina.

Uma das técnicas usadas pelo pós-estruturalismo, tomada do filósofo Derrida, é o método de desconstrução, no qual se pretende desmontar a lógica interna das categorias para então expor suas limitações. Tanto Butler quanto Foucault criticam a metafísica e as filosofias do sujeito, desmontando o dualismo primordial do entendimento feminista predominante.

A divisão entre as categorias sexo e gênero foram fundamentais para as teorias feministas até meados da década de 80, partindo da ideia de que sexo é algo natural e gênero é construído socialmente. Judith Butler questionará esses pressupostos dualistas em um dos seus principais livros, *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*, em que, “desmontou dualidade sexo/gênero e fez uma crítica ao feminismo como categoria que só poderia funcionar dentro do humanismo.” (RODRIGUES, 2005, p. 179).

Entender o sexo como natureza e o gênero como cultura é, ao mesmo tempo, aceitar o gênero como uma expressão do sexo, que é a essência. O que Butler irá dizer é que não existe uma identidade por trás das expressões de gênero e nem um sentido em si mesmo na categoria sexo, “Butler indicava, assim, que o sexo não é natural, mas é ele também discursivo e cultural como o gênero.” (RODRIGUES, 2005, p. 179). Desse modo, há também em Butler uma tentativa de deslocar o feminismo do campo do humanismo, segundo o qual, através do sexo existiria uma categoria imutável, feminina ou masculina, pressupondo o sujeito como identidade fixa. Ao contrário, o sujeito deve ser considerado um devir permanente, com uma constituição social e complexa.

No livro *“Inventando o Sexo - Corpo e Gênero dos Gregos a Freud”*, Thomas Laqueur (2001) trata dessa naturalização das diferenças dicotômicas entre os sexos, que para ele é histórica e se dá por volta do século XVIII, quando a biologia da essência do corpo passa a ser fundamento teórico para as divisões de personalidade e deveres entre os sexos. O gênero passando a ter base científica irá dizer que o esqueleto da mulher é incomensuravelmente diferente do esqueleto masculino, por exemplo, e depois os ovários serão determinantes para o comportamento feminino. A raça, cientificamente provada, nasce na mesma época em que o útero passa a justificar a natureza submissa das mulheres. Sobre isso, um excerto do livro:

O sexo antes do século XVII era ainda uma categoria sociológica e não ontológica: Ser homem ou mulher era manter uma posição social, um lugar na sociedade, assumir um papel cultural, não ser organicamente um ou outro de dois sexos incomensuráveis. (LAQUEUR, 2001, p.19)

Laqueur quer dizer nesse trecho que antes do século XVIII ser homem e ser mulher dizia respeito apenas a posições sociais, o discurso que se produziu posteriormente passou a dar ênfase nas diferenças ditas naturais entre os dois sexos, de modo a conseguir construir, a partir disso, subjetividades distintas a cada um, opostas.

Vários textos de Foucault são pertinentes para associar a crítica feminista pós-estruturalista com o seu legado, desnaturalizando a categoria sexo, inserindo o poder e o controle dos corpos através dos discursos de verdades, centrais para entender o tema da sexualidade. De modo resumido ele propõe, “a ‘sexualidade’ como um sistema histórico aberto e complexo de discurso e poder, o qual produz a denominação imprópria de ‘sexo’ como parte da estratégia para ocultar e, portanto, perpetuar as relações de poder (NIGRO, 2012, p.46)”.

O poder do qual Foucault fala não é exercido por uma classe em específico ou por um governo,

Portanto, não o rei em sua posição central, mas os súditos em suas relações recíprocas: não a soberania em seu edifício único, mas as múltiplas sujeições que existem e funcionam no interior do corpo social. (FOUCAULT, 1984, p.181).

É algo que só funciona em cadeia, a própria constituição do sujeito é um dos primeiros efeitos da existência do poder, isto é, indivíduos são o que são graças aos efeitos do poder.

Esse poder é normativo na medida em que cria regras a serem cumpridas na prática, mas que se impõem aos indivíduos através dos discursos de verdade, e irão se referir a um horizonte teórico que não é o do direito, mas o domínio de um saber clínico, biológico, comportamental.

Foucault explica em sua *Microfísica do Poder* (1984), que não há poder que se tenha constituído sem um saber que o legitima, de modo que, saber e poder estão mutuamente interligados, novos saberes ampliam e aprofundam os poderes, tornando-nos sujeitos de determinados mundos sociais, sujeitos entendidos aqui como submissos e também como uma individualidade construída, moldada.

No primeiro volume do livro *História da Sexualidade*, Foucault (1980) argumenta que a sexualidade é coextensiva ao poder, sugerindo a existência de regimes de poder da sexualidade. A partir do fim do século XVI, a colocação do sexo em discurso obstinou-se a construir uma ciência da sexualidade. Nesse sentido a categoria sexo teria sido criada com o intuito de produzir uma finalidade e significado, como se o sexo possuísse propriedade intrínsecas e leis próprias.

Desse modo, para fazer as análises presentes neste artigo pretende-se partir dos pressupostos teóricos aqui apresentados, a fim de expor e investigar a força desses discursos que se colocam como a verdade, e que são produzidos por instâncias, instituições e processos culturais que estão, como qualquer outro discurso, produzindo poder, tornando-nos sujeitos de suas formulações sociais.

3. Estudos de Mídia, o Jornalismo Científico

Para uma análise detalhada da abordagem da Superinteressante, julgou-se necessário explorar alguns textos que investigaram o jornalismo científico e puderam fornecer um arcabouço teórico a respeito desse modelo em específico.

Como proposto por Epstein (1973), há uma diferença clara entre a divulgação científica produzida academicamente e o jornalismo científico. Enquanto o primeiro se destina ao público especializado, familiarizado com o assunto, em diferentes graus, ou seja, os pares daqueles que produzem os dados científicos, o segundo se destina ao público leigo. Assim, a linguagem a ser utilizada é modificada, seja para uma maior especificidade ou permitir

acesso mais amplo do público. Na segunda situação o risco que se corre é o de uma tradução que possa omitir dados científicos relevantes para a pesquisa.

Outro impasse que surge no jornalismo científico é sua lógica mercadológica, que demanda uma produção veloz de edição e publicação, produzindo textos cada vez mais curtos e de informação concentrada (OLIVEIRA, 2005). Fourez (1995) acrescenta que, o veículo de mídia segue uma ideologia própria, concebida enquanto discurso que valida e legitima determinadas práticas, ao invés de somente descrever, ao mesmo tempo em que mascara pontos de vista e os critérios usados na produção das informações publicadas, assim como sua intencionalidade.

Rojo (2008) analisa o modo de escrita dos textos, tanto os científicos quanto os de divulgação científica e percebe que ambos refletem, em suas estéticas de escrita, mecanismos textuais que pressupõem e têm em vista um leitor-modelo. Becker (2009) complementa esse argumento, quando observa que, os julgamentos morais emitidos pela escrita jornalística, no entanto, serão eficazes quando direcionados ao leitor que partilha da mesma opinião do veículo midiático que a emite.

Becker (2009) constrói um contraponto que vai um pouco além, quando reflete acerca do método de produção do conhecimento. Ele nos lembra de que, qualquer que seja o método utilizado, sempre será uma representação da sociedade ou do objeto de estudo. Se utilizando do exemplo da representação cartográfica, explica como o método escolhido tem como consequência uma redução ou eliminação de certos dados, através de um viés pessoal de quem está produzindo. Do mesmo modo agiria o jornalista científico.

Outro ponto que pode ser analisado na questão da difusão jornalística de conhecimento científico é a descrição dos métodos utilizados. A descrição dessa informação pode ser omitida pelo redator da reportagem, transmitindo ao leitor um dado generalista, descontextualizado ou sem a precisão da pesquisa original (NOVAES, 2008).

Ainda segundo Novaes (2008) a escolha pela eliminação da apresentação do método de pesquisa nas publicações jornalísticas, contribui com o pensamento segundo o qual a ciência seria inquestionável, retirando ainda qualquer espaço para o questionamento. Assim, a ciência se mantém como produtora de conhecimento com métodos que assumem um carácter místico e inalcançável pelo conhecimento leigo.

Os textos aqui estudados deram uma visão geral e crítica a respeito da divulgação científica produzida pelos meios de comunicação jornalísticos. O jornalismo possui um modo específico de divulgar conhecimento científico, e para tecer uma análise em um estudo de caso é imprescindível estar atento às possibilidades apresentadas pelos autores aqui discutidos.

4. Análise Quantitativa

Essa pesquisa teve como objeto de estudos as matérias da revista Superinteressante sobre o tema gênero⁴, desde o ano do seu lançamento até o ano passado, 1987-2018. O recorte para pesquisa foi especificamente matérias cujo título, em específico, apontasse clara oposição entre os gêneros masculino e feminino.

Utilizando a abordagem teórica do autor Thomas Laqueur (2001), segundo o qual a ênfase nas diferenças entre os sexos atua na contemporaneidade de modo a construir os gêneros, objetivou-se analisar as matérias que colocam ênfase nas diferenças dicotômicas entre os sexos. Desse modo, é interessante perceber qual o meio de abordagem do tema, se ele se modificou ao longo do tempo, e a quantidade em que ele é colocado em pauta dessa forma, em termos de oposição.

Foram encontradas 24 matérias com títulos que opõem masculino e feminino de maneira clara. Serão citados seis exemplos, a título de ilustração: "Cromossomo Y versus Cromossomo X", "Como Ele Pensa, Como Ela Pensa: As Diferenças Entre os Sexos"; "Barriga de Homem Não é Igual à

⁴ Não foram consultadas edições especiais.

da Mulher”; “Mulher Não Bebe Como Homem”; “O Que Faz Homens e Mulheres Terem Cheiros Diferentes?”; “Como Saber se um Esqueleto é de Homem ou de Mulher?”.⁵

O primeiro tópico analisado dentro do escopo do estudo é a quantidade de matérias encontradas em cada década. Na década de 1990 houve um total de cinco matérias, nos anos 2000 houve apenas uma matéria a mais em relação à década anterior e finalmente na contabilização da década de 2010, que foi somente até 2018, houve um total de 13 matérias, o que demonstra que o assunto gênero, sendo abordado de maneira dicotômica pela revista, aumentou a partir de 2010.

Tabela 1.1 – Quantidade de matérias por década

Década	Quantidade
anos 80 (1987-1989)	1
anos 90 (1990-1999)	5
anos 2000 (2000-2009)	6
anos 2010 (2010-2018)	12

Fonte: Elaborada pelo autor com base no arquivo da revista Superinteressante, 2019

O segundo tópico corresponde à quantidade de matérias por seção. A revista Superinteressante é dividida por seções ou segmentos, cada matéria é alocada de acordo com a área do conhecimento pelo qual o seu tema é abordado. Como podemos observar na tabela 1.2, as matérias encontradas na pesquisa se distribuíram em cinco seções: Comportamento, Saúde, Ciência, História e Sociedade. Foram encontradas, exatamente, 9 matérias de Comportamento, 6 de Saúde, 7 de Ciência, 2 de História e 1 de Sociedade. Esses números nos dizem que gênero é um tema muito tratado através dos discursos biológicos, sejam eles da área da saúde ou da ciência, visto que, aqui o termo ciência, diz respeito, principalmente, a estudos das ciências da

⁵ Todas as matérias encontradas serão citadas com o título e a data de publicação ao final do artigo. Os autores não são citados pois o arquivo online da Superinteressante não possui essa informação para todas as matérias. Todas matérias estão disponíveis em: <<https://super.abril.com.br/superarquivo/>>. Acesso em 19 de abr. de 2019.

natureza (como a biologia, neurociência e etc.), como fica claro na matéria analisada mais minuciosamente na próxima seção deste artigo. A seção comportamento diz respeito principalmente a estudos da psicologia, que nessa área específica dos estudos comportamentais se aproxima de um saber biológico, neurocientífico. É interessante lembrar que a revista possui uma seção intitulada Cultura, e, no entanto, nenhuma matéria com o título que opõe os gêneros encontrou-se nesse segmento.

Tabela 1.2 – Quantidade de matérias por seção

Seção	Quantidade
Comportamento	8
Saúde	6
Ciência	7
História	1
Sociedade	1

Fonte: Elaborada pelo autor com base no arquivo da revista Superinteressante, 2019

O último elemento analisado foi a quantidade de matérias de cada seção/segmento por década e tentar entender se a forma de abordagem mudou com o passar do tempo. Como podemos observar na tabela 1.2, na década de 90 foram encontradas apenas 1 matéria de Comportamento e 1 de Ciência, enquanto na área da Saúde houve maior concentração de matérias, totalizando 3. Nos anos 2000 esse padrão muda completamente e quase todas as matérias encontradas, 4 mais especificamente, foram alocadas na seção Ciência, salvo 2 matérias no seguimento História. Por fim, nos anos 2010-2018, houve uma diversificação em relação à década anterior e apenas 2 matérias foram colocadas na seção Ciência, estando 3 na seção Saúde, 7 em Comportamento e apenas 1 na seção Sociedade.

Tabela 1.3 – Quantidade de matérias de cada seção por década

Seção	Anos 80 (1987-1989)	Anos 90 (1990-1999)	Anos 2000 (2000-2009)	Anos 2010 (2010-2018)
Comportamento	1	1	0	6
Saúde	0	3	0	3
Sociedade	0	0	0	1
Ciência	0	1	4	2
História	0	0	2	0

Fonte: Elaborada pelo autor com base no arquivo da revista Superinteressante, 2019

A partir do último tópico podemos fazer algumas breves considerações, é possível dizer que a área de conhecimento que predominou na década de 90 era a área da saúde, isso se modificou nos anos 2000, sendo a maioria das matérias cujo título opõe os gêneros encontrados na seção de ciência, e finalmente, na década atual, os estudos comportamentais dominam o discurso de saber sobre o tema dentro da revista. Isso demonstra que a hipótese levantada por Carvalho (2012) se confirma também para o presente trabalho. Sua pesquisa sobre as capas de revista confirmaram que o conteúdo da década de 90 era mais relacionado a saúde e que nos anos 2010 têm dominado o assunto comportamento/psicologia.

Nessa parte do artigo objetivou-se fazer uma breve análise quantitativa das matérias encontradas dentro do recorte que se fez para esse estudo. A próxima seção trata-se de uma análise qualitativa de uma matéria em específico que se julgou significativa, visto que foi a única matéria sobre gênero que se tornou capa da revista durante o período estudado.

5. Análise da matéria: Homens x Mulheres - Porque Eles Estão Ficando Para Trás? (2011)⁶

⁶ Disponível em:

<<https://super.abril.com.br/comportamento/homens-x-mulheres-por-que-eles-estao-ficando-para-tras>>. Acesso em 19 abr. 2019.

Nessa parte do estudo analisou-se minuciosamente a única matéria sobre o tema gênero que se tornou capa da revista Superinteressante dentro do período pesquisado (1987-2018).

Importante salientar que algumas questões que poderiam ser levantadas aqui, não o serão por não satisfazer o objetivo maior do estudo, qual seja, o desvendamento dos discursos selecionados, organizados e propagados por procedimentos e técnicas que pretendem tornar possível a sua materialidade. Desse modo, não interessa qualificar a veracidade dos fatos “provados cientificamente”, ou qual é o consenso da comunidade científica a respeito de tais temas.

A ênfase nas diferenças entre homens e mulheres é perceptível, mesmo a um olhar mais desatento, desde o nome da matéria “Homens x Mulheres”, até a chamada da capa que diz “Entenda aqui o que está acontecendo com os sexos e quais são as nossas diferenças”, deixa claro o interesse em distinguir os gêneros, ou seja, construí-los. Outro aspecto interessante são suas subdivisões, pois até mesmo elas denotam o esforço de diferenciação: “Homens”, “Meninos Não Ficam Quietos”; “Meninos Não Ficam Quietos (2)”; “Mulheres”, “Mulheres Não Pedem”; “Por que Meninas Não Pedem”.

Para o presente estudo é interessante observar quem são os estudiosos citados ao longo do texto, para dessa forma conseguir entender a abordagem de um modo geral. A primeira pessoa a ser citada é Louann Brizendine, uma neurobióloga da Universidade de Harvard, a matéria exemplifica diferenças incontornáveis entre os gêneros através de uma experiência relatada por sua paciente, o parágrafo será citado mais a frente. Avançando um pouco mais, uma neurocientista chamada Lise Eliot e seu livro, intitulado *Pink Brain, Blue Brain*, são usados para falar que a maior diferença entre os sexos, dos 3 aos 13 anos, é o controle de inibição no cérebro. Um psicólogo chamado Philip Zimbardo, da Universidade Stanford, é o próximo estudioso citado na matéria, ele se diz preocupado com o fato de os homens não saberem levar uma vida adulta, e estarem deixando as

mulheres assumir o papel de provedoras e líderes. Mais a frente, a matéria cita o Centro Psicobiológico de Pittsburgh, onde foi produzido um estudo que comprova que os homens se estressam mais com autoridade do que as mulheres. Saindo um pouco fora do campo das ciências biológicas, dois economistas são citados: Linda Babcock, uma professora de economia na Universidade de Carnegie Mellon, nos EUA e John List, economista da Universidade de Chicago. Ambos analisam as preferências no mercado de trabalho, concluindo que homens e mulheres escolhem e agem de formas diferentes e opostas. A última pessoa a ser citada é um neurobiólogo da Universidade Stanford, chamado Ben Barres, que diz se sentir mais elogiado e aceito, enquanto uma pessoa bem sucedida, depois que mudou de sexo e se tornou homem.

A primeira parte da matéria se destina a mostrar o quanto, desde antes do surgimento de qualquer atividade cerebral, os fetos masculinos e femininos se comportam de modos diferentes, e que as diferenças se aprofundam conforme o desenvolvimento. A ciência analisa os primeiros meses, as primeiras interações, os gostos de cada um, sempre de modo a comprovar as diferenças. Interessante observar também o nome de uma neurobióloga sendo citado de modo a reforçar o carácter científico da constatação de diferenças genéticas:

Ela não queria que seus filhos crescessem achando que eram diferentes. Por isso, educou o menino e a menina da mesma maneira: vestiu-os com roupas iguais, deu bonecas para o filho e carrinhos para a filha. Certo dia ela entrou no quarto da menina de 3 anos e a flagrou brincando. No colo estava um caminhãozinho de brinquedo que a menina ninava de um lado para o outro dizendo: 'Não chore, carrinho. Vai ficar tudo bem'. A história é de uma paciente de Louann Brizendine, neurobióloga de Harvard. E serve para deixar bem claro: sempre há alguma diferença entre os sexos. (SUPERINTERESSANTE, 2001).

Esse parágrafo constitui-se uma tentativa de provar o argumento de que qualquer esforço familiar de inibir o surgimento das diferenças entre os gêneros será inútil.

O primeiro tópico da matéria, chamado "Homens" lança mão de uma série de dados a respeito de espermatozoides e óvulos, e o objetivo geral é diferenciar homens de mulheres ainda na concepção. Para isso, aborda o quanto é mais fácil estatisticamente a fecundação de um óvulo por um espermatozoide masculino, e como o sexo da criança interfere no seu desenvolvimento uterino, já que, as diferenças refletem na mortalidade infantil e nos problemas de saúde que podem ocorrer durante esse período. Nas próprias palavras da revista, o objetivo é provar que, "Assim, logo de cara vão por água abaixo todas as esperanças de igualdade entre os sexos: desde o início, a mãe natureza cuida de tratar cada gênero de maneira diferente. E esse é só o começo."

O segundo e o terceiro tópico se chamam, respectivamente, "Meninos Não Ficam Quietos" e "Meninos Não Ficam Quietos (2)". O argumento geral é de que as meninas possuem vantagens na primeira infância em relação aos meninos e esse fato é puramente biológico, genético. O terceiro tópico, por sua vez, irá dizer que os meninos sentem mais dificuldade em obedecer. O interessante dessa seção é que o último parágrafo cita um estudo que demonstra que a ideia de que mulheres são frágeis e homens audaciosos pode estar sendo ensinada pelas próprias mães. Este parágrafo, destoante do argumento geral do texto, no entanto, não apresenta a fonte da pesquisa e nem cita nenhum especialista, terminando com a frase, "mas essa, claro, não é a única diferença. Para entender o que separa os sexos é preciso olhar as mulheres de perto também." Os próximos parágrafos, todavia, não farão mais referências a esse tipo de estudos.

Se nos tópicos anteriores a matéria se propôs a discutir as vantagens que a biologia proporcionou às mulheres em relação aos homens, na concepção e na primeira infância, são as mulheres que levam desvantagens na vida por possuir uma biologia que lhes impõe determinadas preferências e comportamentos. Uma pergunta proposta pela seção deixa claro o seu viés explicativo: "por que um fato simples, como a exposição de testosterona durante a gravidez determina que a sua vida – e o seu papel social – seja tão

diferente da dos homens?”, ou seja, para essa matéria, papéis sociais são determinados por níveis de testosterona e não por relações sociais.

Os dois últimos tópicos: “Meninas Não Pedem” e “Por Que Meninas Não Pedem”, estão basicamente expondo os comportamentos femininos responsáveis pela produção das desigualdades no mercado de trabalho, seja porque escolhem profissões mal pagas, ou porque são menos competitivas no ambiente de trabalho,

A revista conclui que homens e mulheres não alcançam a igualdade social justamente por possuírem naturezas diferentes que lhe impõem dificuldades, assim como mulheres ganham menos exatamente por se interessarem menos por profissões bem pagas. E esse interesse seria uma resposta dos determinantes biológicos, que moldam o comportamento humano. Ao final da matéria há uma caixa com diversos dados que opõem os gêneros, a seguir os transcrevo na íntegra:

- Meninos têm probabilidade 50% maior de morrer de problemas respiratórios quando nascem
 - A mortalidade infantil de meninos é 22% maior que a de meninas
 - 105 nascimentos de meninos
 - 100 nascimentos de meninas
 - Aos 4 anos e meio, meninos são duas vezes melhores em testes de rotação espacial.
 - Aos 2 anos e meio, meninas usam OITO palavras por frase para se comunicar. Meninos usam 6
 - Pesquisadores na área de engenharia no Brasil: 72% homens
 - Homens têm probabilidade 40% MAIOR de largar a escola
 - Mulheres em psicologia: 80%
 - 97% dos CEOs do mundo são homens. E esse número nunca diminuiu
 - No Brasil, mulheres ganham apenas 75% do salário dos homens para fazer o mesmo trabalho
 - 1/3 das mulheres largaria o emprego para ter filhos

Essa matéria, assim como a maioria cujo título demarca uma clara oposição entre os gêneros, após 2010, também foi alocada no assunto “Comportamento.” Ela privilegia respostas do âmbito comportamental para os questionamentos que coloca em discussão, e a abordagem do tema se dá predominantemente a partir dos discursos biológicos.

6. Considerações Finais

Para este artigo, investigamos, através de um recorte de pesquisa, a forma de abordagem da revista *Superinteressante* quando o assunto é gênero. Os pressupostos teóricos aqui apresentados, tanto dos estudos de mídia quanto dos estudos pós-estruturalistas, foram a base para investigações e interpretações aqui apresentadas. Tanto a análise qualitativa quanto a quantitativa nos mostrou que os estudos comportamentais são, atualmente, predominantes na forma como a revista aborda o tema. Esses estudos dizem respeito, principalmente, à psicologia que, nessa área específica dos estudos comportamentais, se aproxima de um saber biológico, neurocientífico.

Entendemos este discurso da *Superinteressante* como produto do poder, que se exerce através da produção de um discurso de verdade, ou seja, fabricação de verdades universais, ditas biologicamente naturais, “Afim, somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a um certo modo de viver ou morrer em função dos discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder”(FOUCAULT, 1979, p.180).

Podemos concluir deste estudo a importância do aprendizado de desconstrução dos discursos de verdade veiculados e propagados pela mídia. É indispensável a subversão, resistência e interferência na constante e incansável tentativa histórica de fabricação de feminilidades e masculinidades.

7. Referências Bibliográficas

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. v. 1 (Fatos e mitos).

BECKER, Howard. *Falando da sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

CARVALHO, A.P. *Ciência em Revista. Um estudo dos casos de Superinteressante e Globo Ciência*. 1996. Dissertação de Mestrado. Programação de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 1996.

_____. *O que deixou de ser Super Interessante na divulgação de ciência em revista*. In: XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2012, Fortaleza. Anais do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2012.

Editora Abril. *Revista Superinteressante*. Superarquivo. Arquivo digital das edições da revista Superinteressante no período compreendido entre 1987 e 2019. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/superarquivo/>> Acesso em: 19 de abr. de 2019.

EPSTEIN, E.J. *News from Nowhere: Television and the News*. Nova York: Random House, 1973.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. 19 Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980.

_____. *Microfísica do poder*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUREZ, Gérard. *A construção das ciências - introdução à filosofia e a ética das ciências*. Tradução de Luís Rouanet. São Paulo; Unesp; 1995.

FREITAS, Liliane Miranda e CHAVES, Silvia Nogueira. *Revista Ensaio*: Belo Horizonte: v.16 n.3 p.131-148, 2013.

HUECK, Karin. Homens x Mulheres – Por que eles estão ficando para trás. *Superinteressante*, São Paulo, 26 de jun. de 2011. Comportamento. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/comportamento/homens-x-mulheres-por-que-eles-estao-ficando-para-tras>> Acesso em : 19 de abr. de 2019.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o Sexo, Corpo e Gênero dos Gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MARIANO, Silvana Aparecida. O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 483, jan. 2005. ISSN 1806-9584.

NIGRO, Rachel . Foucault e a crítica feminista pós-estruturalista. O que nos faz pensar, [S.l.], v. 21, n. 31, p. 45-60, feb. 2012. ISSN 0104-6675.

NOVAES, Allan M. *Jornalismo de controvérsia: uma análise do tratamento jornalístico dado pela revista Superinteressante às incertezas científicas*. 2008. 137 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo.

OLIVEIRA, Fabíola. *Jornalismo científico*. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

Publiabril. Circulação Total, 2019. Disponível em:
<http://publiabril.abril.com.br/svp/tabelas/circulacao?platform_id=revista-impressa-mais-digital> Acesso em: 18.09.2019

Publiabril, Informações Adicionais, 2019. Disponível em:
<<http://publiabril.abril.com.br/marcas/superinteressante/plataformas/revista-impressa>> Acesso em 18.09.2019

RODRIGUES, Carla. Butler e a desconstrução do gênero. *Rev. Estud. Fem.* Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 179-183, Abr. 2005.

ROJO, Roxane. O letramento escolar e os textos da divulgação científica - a apropriação dos gêneros de discurso na escola. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, v.8, n.3, p.581-612, set/dez.2008.

ROSA, João Luiz e MATTOS, Adriana. Editora Abril fecha títulos e faz demissões. *Valor Econômico*, São Paulo, 06 de ago. de 2018. Disponível em:
<<https://www.valor.com.br/empresas/5715465/editora-abril-fecha-titulos-e-faz-demissoes>> Acesso em: 21 de ago. de 2019.

SHELLER, Fernando. Editora Abril anuncia o fim de dez revistas; saiba quais. *Jornal do Commercio*, Sociedade, São Paulo, 06 de ago. de 2018. Disponível em:
<<https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/sociedade/noticia/2018/08/06/editora-abril-anuncia-o-fim-de-dez-revistas-saiba-quais-349838.php>> Acesso em: 21 de ago. de 2019.

8. Artigos e Matérias de Revista

6 PROVAS de que as Mulheres São Mais Duras do que os Homens. *Superinteressante*, São Paulo, 31 out. 2016. Comportamento.

25 COISAS que Escondem de Você: Homens Mentem Mais que Mulheres. *Superinteressante*, São Paulo, 08 ago. 2012. Ciência.

BARRIGA de Homem Não é Igual à da Mulher. *Superinteressante*, São Paulo, 30 jun. 1996. Comportamento.

COMO Ele Pensa, Como Ela Pensa: As Diferenças Entre os Sexos. *Superinteressante*, São Paulo, 30 jun. 1994. Ciência.

COMO Saber se um Esqueleto é de Homem ou de Mulher?. *Superinteressante*, São Paulo, 27 jul. 2009. Ciência.

CROMOSSOMO Y versus Cromossomo X. *Superinteressante*, São Paulo, 30 abr. 1990. Saúde.

DNA Faz a Mulher Viver Mais do que o Homem. *Superinteressante*, São Paulo, 19 mai. 2010. Ciência.

ELAS EXISTEM, As Carreiras que Mulheres Ganham Mais que Homens. *Superinteressante*, São Paulo, 05 jun. 2017. Sociedade.

GUERRA dos Sexos. *Superinteressante*, São Paulo, 31 jul. 2003. História.

GUERRA dos Sexos. *Superinteressante*, São Paulo, 1 ago. 2003. Ciência.

HOMENS e Mulheres: Quem é Menos Burro?. *Superinteressante*, São Paulo, 31 ago. 2008. Ciência.

HOMENS Comem Mais Quando Estão em Grupo (Já as Mulheres, Menos). 16 dez. 2016. Comportamento.

HOMENS x Mulheres – Por Que Eles Estão Ficando Para Trás?. *Superinteressante*, São Paulo, 26 jun. 2011. Comportamento.

MULHER Engorda Mais Fácil que Homem. *Superinteressante*, São Paulo, 01 out. 2016. Saúde.

MULHER é Tagarela, Homem é Assertivo. *Superinteressante*, São Paulo, 09 set. 2012. Comportamento.

MULHER Não Bebe Como Homem. *Superinteressante*, São Paulo, 31 ago. 1998. Saúde.

MULHER Resiste Mais à Dor do que o Homem?. *Superinteressante*, São Paulo, 16 abr. 2012. Saúde.

MULHERES Programam Melhor do que Homens, Mas São Menosprezadas ao Revelar Autoria. *Superinteressante*, São Paulo, 31 out. 2016. Comportamento.

NO BAR, Sexo Faz Diferença. *Superinteressante*, São Paulo, 30 abr. 1990. Saúde.

O QUE FAZ Homens e Mulheres Terem Cheiros Diferentes?. *Superinteressante*, São Paulo, 31 jul. 2002. Ciência.

SANGUE Masculino Pode Fazer Mal às Mulheres (e Vice-Versa). *Superinteressante*, São Paulo, 23 nov. 2017. Saúde.

SE A MULHER Vive Mais, Por Que se Aposenta Antes?. *Superinteressante*, São Paulo, 31 jul. 2012. História.

SEXISMO - Guerra dos Sexos. *Superinteressante*, São Paulo, 31 mai. 2012. Comportamento.

SEXOS Opostos. *Superinteressante*, São Paulo, 31 ago. 1998. Comportamento.